

A CONSTRUÇÃO DE UMA BASE CURRICULAR CRÍTICA PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DA RESSIGNIFICAÇÃO DOS CONTEÚDOS TECNICISTAS

Prof. Murilo de Camargo Wascheck¹

Resumo: este trabalho é um relato de experiência. O objetivo é registrar e relatar como foi possível estabelecer uma matriz curricular de educação física voltada á formação emancipatória dos sujeitos a partir de conteúdos tecnicistas típicos das abordagens pedagógicas tradicionais. As aulas de educação física dos cursos técnicos integrados ao ensino médio no IFG/câmpus Goiânia são historicamente alinhadas às práticas esportivizadas de rendimento. A partir de 2012, uma nova configuração do quadro de professores de educação física estabelece o objetivo de superar este modelo por uma práxis comprometida com a formação crítica da cidadania, superando o modelo vigente. O percurso de elaboração durou dois anos e meio, com estudos e avaliações. Objetivou-se realizar uma transição processual, sem rupturas impostas, possibilitando uma construção coletiva amadurecida e significativa para os docentes e alunos. Noutra frente, o cuidado era não desconsiderar o percurso histórico da educação física no IFG/câmpus Goiânia. Nossa base conceitual está na teoria crítica frankfurtiana e, a partir dela, promovemos a ressignificação de outras publicações, como os PCN e os pareceres do CNE. Concluímos que (1) a base curricular elaborada permitiu consistentes avanços em relação à formação crítica sem se distanciar das especificidades da educação física e dos elementos da cultura corporal; (2) a produção colegiada e processual da nova base curricular permitiu ressignificações epistemológicas em todos docentes, a ponto de promover a ruptura de paradigmas tradicionais da prática pedagógica e adesão à nova proposta; (3) a nova base curricular representa avanços consideráveis às praticas corporais da educação física tecnicista e tradicional e exige reavaliações, críticas, ajustes coletivos constantes, acompanhados de fundamentação teórica e empírica.

Palavras-chave: Educação Física. Ensino Médio. Conteúdos.

I – JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

Historicamente, o câmpus Goiânia sempre optou por uma matriz curricular esportivizada para as aulas de educação física, ministradas como treinamentos corporais. As exceções experimentadas (recreação e musculação, por exemplo) não representaram nenhuma ruptura com o modelo em questão. Os anos de 2010 a 2012 marcam uma renovação parcial no quadro de professores na Coordenação de Educação Física (CEF) do câmpus Goiânia, o que possibilitou, de forma natural e colegiada, a transformação paulatina da práxis coletiva. Este novo colegiado entendeu que era necessário estabelecer a uma nova cultura e novo currículo para a educação física no câmpus Goiânia, compromissada com a formação emancipatória do aluno/trabalhador. A postura para esta transformação seria processual e não radical, considerando o percurso histórico da educação física no câmpus e a experiência pedagógica de cada professor. A ementa de educação física estabelecida com a participação de professores de educação física de diversos câmpus do IFG e sob a coordenação da Pró Reitoria de Ensino (denominada “ementa de Goiás”) não representava a trajetória e as expectativas deste colegiado (serviria como ponto de debate, mas não engessaria a nova proposta). Desde 2012/2, as reuniões semanais da CEF passaram a contemplar, entre os pontos de pauta, momentos de estudos coletivos. Este percurso durou pouco mais de dois anos

¹ Professor do ensino básico, técnico e tecnológico de educação física do Instituto Federal de Goiás, câmpus Goiânia. Mestrando do PPGE/UFG. Contato: professormcw@gmail.com.

e a nova matriz está em plena execução no corrente ano letivo (2015). Embora tenha se dado de forma consensuada – e entendemos que o consenso quase sempre não contempla mudanças estruturais – a nova matriz representa avanços consideráveis não só no tocante à implementação de uma nova práxis pedagógica na educação física do câmpus Goiânia (focada na emancipação do trabalhador/aluno), mas também o amadurecimento das relações institucionais e das tomadas de decisão no âmbito da CEF e a implementação de um projeto pedagógico com sentido e significado para cada um dos docentes, que ali se reconhecem.

II – PROCEDIMENTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS E BASE CONCEITUAL

Até 2012 os alunos do ensino médio do IFG/câmpus Goiânia matriculavam-se na educação física por modalidade (basquete, futsal, handebol, futsal e musculação/ergometria) e, no caso do ‘aluno-atleta’, diretamente nas equipes de treinamento esportivo, divididas por gênero. Entendendo as limitações desta proposta curricular, tanto no tocante às possibilidades motoras quanto na apropriação de conteúdos emancipatórios, o colegiado de professores buscou, enfrentando alguma resistência, uma mudança para o ano letivo de 2013.

2.1 – Preparação e Execução da Grade Curricular de 2013

Na impossibilidade de uma identificação epistemológica unificadora, o caminho encontrado para os avanços só foi possível a partir da resignificação dos conteúdos tradicionais, mantendo de início, a centralidade no esporte e nas aulas práticas. Como referências, utilizamos publicações básicas e abrangentes, no sentido de iniciar nosso percurso com uma base bem ampla de conteúdos. Os professores tiveram liberdade para estabelecer diferentes referenciais teóricos para um mesmo conteúdo. Enfrentando sérios limitadores de espaço físico, recursos didático-esportivos e choque de horários, os conteúdos do ano letivo 2013 foram distribuídos bimestralmente e por espaço físico.

TABELA 1 – Conteúdos da Educação Física do Ensino Médio (IFG/câmpus Goiânia) 2013

SÉRIE	MINIGINÁSIO	MUSCULAÇÃO	GINÁSIO	ERGOMETRIA
1º ano	- Vôlei; - Inclusão e exclusão	- Treinamento Corporal; - Corpo, padrão estético e mídia	- Handebol; - Violência e bullying	- Tópicos de Ed. Física; - Cultura afrodescendente
2º ano	- Futsal/Futebol; - Alienação no/pelo esporte	- Dança; - Lutas; - Cultura afrodescendente	- Basquete; - Bases teórico-práticas do lazer e recreação	- Atletismo e Corrida de Rua; - Alimentação, doping, ergogenia
3º ano	- Aprofundamento técnico-tático específica; - Cultura afrodescendente	- Aprofundamento técnico-tático específica; - Exercício físico e saúde	- Aprofundamento técnico-tático específica; - Lazer e trabalho	- Aprofundamento técnico-tático específica; - Ginástica laboral e ergonomia

É importante considerar que: (1) embora alguns temas representassem avanços em relação ao esporte propriamente dito, não foi possível estabelecer uma base teórica verdadeiramente crítica para se discutir, por exemplo, alienação e lazer. Entendemos, à época, que o mais importante era o rompimento com o modelo antigo de aulas por modalidade esportiva e que era necessário um amadurecimento dos próprios professores em relação às referências da teoria crítica; (2) o foco no rodízio dos espaços didáticos da educação física visava assegurar que durante o ano letivo todos os alunos, de todas as séries, passassem por todos os espaços e experimentassem diferentes possibilidades motoras e teóricas; (3) os alunos de 3º ano não seriam mais dispensados das aulas de educação física com a justificativa de frequentarem o estágio curricular; (4) para a implementação das mudanças curriculares os alunos não foram consultados por dois motivos: (a) o alto nível de adesão dos mesmos a um modelo curricular que premiava o talento motor e que, de alguma forma, premiava os menos talentosos com o descanso; (b) a imaturidade para perceber a importância da abordagem crítica dos conteúdos; (5) durante o ano letivo o novo modelo era informalmente avaliado, mediante sensibilização e devolutivas. O volume de adesão às aulas, especialmente das meninas, dos tímidos e dos alunos sem talento esportivo foi ampla e positivamente reconhecido por alunos e professores; (6) doutra forma, as próprias turmas de treinamento esportivo, desvinculadas das aulas de educação física da grade curricular, passaram a um status que começava a favorecer a adesão às equipes, até então, em baixa entre os alunos.

2.2 – Preparação e Execução da Grade Curricular de 2014

Ainda em 2013 os estudos colegiados continuaram, de forma a garantir trocas de experiência e avanços coletivos nas práticas pedagógicas. Essencialmente, foram discutidos modelos históricos de educação física (higienista, militarista e escolanovista), de forma a desmistificar o esporte como conteúdo formador por si mesmo, além de iniciarmos algum estudo da teoria crítica (Adorno, Horkheimer e Marcuse). Com estes estudos ficou determinada a necessidade de implementação de uma grade curricular que contemplasse a história da educação física; que vôlei e futsal, as atividades preferidas pelos alunos (já não mais como esporte, mas como prática corporal) não seriam ministrados na mesma serialização; que ao 3º ano as aulas práticas seriam de musculação e ergometria (interesse identificado junto aos mesmos para enfrentar o esvaziamento das aulas do contra turno causado por dispensa de trabalho registrado na CTPS); alguns conteúdos poderiam ser “escolhidos” pelos alunos e professores, especialmente aqueles com sua práxis marcada pela participação discente direta e democrática; a cada ano/serialização, obrigatoriamente, todos professores se ocuparia de conteúdos da fisiologia humana e também da teoria crítica.

TABELA 2 – Conteúdos da Educação Física do Ensino Médio (IFG/câmpus Goiânia) 2014

SERIAÇÃO	CONTEÚDOS
1º. Ano	- 2 ou 3 conteúdos optativos*: jogos, vôlei e/ou handebol; - História da ed. física e do esporte; - Corpo e sociedade; - Bases de anatomia humana e fisiologia humana.
2º. Ano	- 2 ou 3 conteúdos optativos*: basquete, futsal e/ou conteúdo específico da cultura corporal (atletismo, dança, ginástica, luta, tênis de mesa ou xadrez); - Mídia e esporte; - Lazer e trabalho; - Avaliação física.
3º. Ano	- Musculação/Ergometria e 1 conteúdo específico da cultura corporal (optativo*); - Relações de diversidade, gênero e cultura corporal; - Atividade física e saúde.

* a critério de cada professor

2.3 – Preparação e Execução da Grade Curricular de 2015

Após dois anos letivos completos e um período um pouco maior de discussões, o colegiado da CEF estabeleceu a proposta curricular vigente, com referencial teórico comprometida com a formação crítica do aluno. Destarte que todo conteúdo da educação física tem por base o movimento humano culturalmente constituído e a contextualização da corporeidade fundamentada nas teorias críticas tradicionais; a especificidade da formação técnica integrada ao ensino médio do IFG será respeitada, destacando que: educar para o trabalho não é formar mão-de-obra e não é ajustamento às necessidades de mercado e requer sólida formação geral; a formação geral não deve desconsiderar a formação técnica; o ensino médio fecha o apenas um ciclo de educação básica para o trabalho e a cidadania: haverá continuidade do percurso e formação profissional; o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico não significam doutrinação ideológico; serão desenvolvidas aptidões para a vida produtiva na sociedade do trabalho e do conhecimento; deve-se contemplar a ‘estética da sensibilidade’, o olhar sensível e cultural.

TABELA 3 – Conteúdos da Educação Física do Ensino Médio (IFG/câmpus Goiânia) 2015

SÉRIE	CONTEÚDOS
1º ano	<u>ginástica, lazer, jogos</u> ; estudos histórico-críticos; tópicos de fisiologia humana básica, aptidão física e saúde; avaliação/teste físico
2º ano	<u>esportes</u> ; estudos histórico-críticos; tópicos de fisiologia humana básica, aptidão física e saúde; avaliação/teste físico
3º ano	<u>treinamento corporal</u> ; estudos histórico-críticos; tópicos de fisiologia humana básica, aptidão física e saúde; avaliação/teste físico

QUADRO 1 – Referências Básicas da Educação Física do Ensino Médio (IFG/câmpus Goiânia) 2015

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento : fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
ANDRADE, S. S. Saúde e beleza do corpo feminino , algumas representações no Brasil do Século XX. Movimento, v.9, n.1, p.119-143, 2003.
BAPTISTA, T. J. B. A educação do corpo na sociedade do capital . Curitiba: Appris, 2013.
BETTI, M. Corpo, cultura, mídias e educação física : novas relações no mundo contemporâneo. Lecturas: Educación Física y Deportes, v.10, n.79, p.1-9, 2004.
COSTA, F. F.; GARCIA, L. M. T.; NAHAS, M. V. A educação física no Brasil em transição : perspectivas para a promoção

da atividade física. Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, v.17, n.1, p.14-21, 2012.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez: 1992.

FERREIRA, M. S. **Aptidão física e saúde na educação física escolar**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.22, n.2, p.41-54, 2001.

GRECO, J. P.; BENDA, R. N. (Orgs.). **Iniciação desportiva universal**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

GUEDES, D. P.; GUEDES, J. **Manual prático para avaliação em educação física**. São Paulo: Manole, 2006.

KUENZER, A. Z.. Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J. L.; SAVIANI, D. (Orgs.). **Capitalismo, trabalho e educação**. 3ª edição. Campinas, SP: Autores Associados, 2005, p. 77-96

KUNZ, E. **transformação didático-pedagógica do esporte**. Editora Unijuí, 1994.

MAGNANI, J. G. C.; SOUZA, B. M. **Jovens na metrópole**, etnografia de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. In: Cuadernos del Cender. Caracas, v. 26, n. 70, 2009.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. 4ª edição. Campinas: Autores Associados, 2006.

MATTHIESEN, Q. S. **Atletismo se aprende na escola**. São Paulo: Ed. Fontoura, 2005.

MATTOS, M. G.; NEIRA, M. G. **Educação física na adolescência: construindo conhecimento na escola**. São Paulo: Phorte, 2000.

OLIVEIRA, C. B. **Sobre lazer, tempo e trabalho na sociedade de consumo**. Revista Digital. Buenos Aires. a. 11, n. 97, 2006.

SIGOLI, M. A.; JUNIOR, D. R. **A história do uso político do esporte**. R. bras. Ci. e Mov. Brasília v. 12 n. 2 p. 111-119 junho 2004.

SOARES, C. (org.). **Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação**. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo: FAPESP, 2007.

POWERS, S. K.; HOWLEY, E. T. **Fisiologia do exercício: teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho**. São Paulo: Manole, 2000.

UCHIDA, M.C.; CHARRO, M.A.; BACURAU, R.F.P.; NAVARRO, F.; PONTES JÚNIOR, F.L. **Manual de musculação: uma abordagem teórico-prática do treinamento de força**. 7ª edição. São Paulo: Phorte, 2013.

É importante destacar que outros posicionamentos foram acertados na nova matriz curricular, com a finalidade de fortalecer a educação física como componente curricular e de estabelecer parâmetros que diminuíssem os distanciamentos entre as posturas pedagógicas dos professores: ênfase nos conteúdos práticos sempre contextualizados pela teoria; mesmo os conteúdos eminentemente teóricos serão contextualizados pela cultura corporal/educação física; estímulo, a cada bimestre/conteúdo, à leitura e produção de texto; obrigatoriedade de que a nota bimestral seja a média aritmética estabelecida entre o envolvimento e participação nas aulas práticas e uma avaliação escrita discursiva/subjetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O colegiado da CEF está consciente de que o currículo escolar é fruto silenciamentos e intencionalidades. Alguns elementos da corporeidade se constituíram universalmente na própria educação física (como esporte, ginástica, dança, lutas, jogos e brincadeiras) e como tais foram reconhecidos (a educação física escolar jamais dará conta da totalidade destes saberes); o currículo foi tratado como um campo de enfrentamentos em que os saberes, valores e formas de socialização superam a formação específica de cada área de conhecimento.

O caminho percorrido foi longo, entre extremos mesmo. Sair de uma condição tecnicista e histórica de práxis pedagógica para uma nova condição, de formação para a emancipação, exigiu planejamento, tempo, concessões e muito trabalho. Evitar rupturas burocráticas foi essencial para a construção da nova matriz teórica. O envolvimento absolutamente voluntário e coletivo do colegiado de docentes foi o instrumento capaz de imprimir sentido e significado à nova matriz pelos mesmos. Priorizar a formação emancipatória do aluno – e não os interesses dos docentes – também foi indispensável ao sucesso do processo. A consistência da formação continuada dos docentes (*lato e stricto sensu*) foi a porta de entrada para a teoria crítica na nova educação física do IFG (já percebemos mudanças consistentes também em outros níveis de ensino (ProEJA e superior) em que os docentes da CEF estão envolvidos. A partir desta experiência podemos afirmar que condições escolares *a priori* comprometidas com culturas institucionais tecnicistas ou tradicionalistas podem dar lugar *a posteriori* à cultura da emancipação e da não violência.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- BRASIL: MEC/SEB. **Orientações curriculares para o ensino médio**: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília, 2006.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2009.
- DARIDO, Suraya Cristina. **Educação física na escola**: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**: o homem unidimensional. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- OLVEIRA, Amauri A. B.; PALMA, Ângela P. T. V.; PALMA, José Augusto V. **Educação física e a organização curricular**. 2. ed. Londrina: Eduel, 2010.
- SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. 4ª edição, Campinas: Autores Associados, 2007.